N.º 1 em todo o mundo

James Patterson e Chris Grabenstein

Mais de 305 milhões de livros vendidos

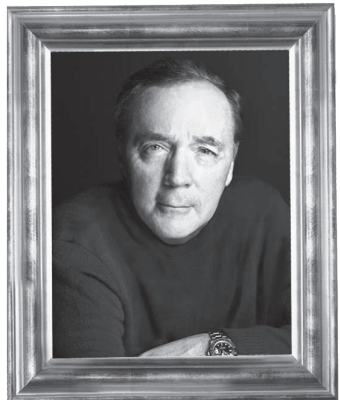
EU CÓMICO na TV 4

O Maior Maluco do Riso!

0:05 / 12:50 ● 720p

Do mesmo autor da série ESCOLA

Booksmile



James Patterson tem o Recorde Mundial do Guiness para o maior número de livros no n.º 1 do top do *New York Times*, incluindo a série *Escola* e a série *Eu Cómico*. É um defensor incansável do poder dos livros e da leitura, demonstrado na sua nova chancela de livros para crianças, JIMMY Patterson, cuja missão é muito simples: Queremos que cada criança que termina um livro do JIMMY, diga, «Por favor, deem-me outro livro!» Já doou milhões de livros a estudantes, soldados, livrarias independentes e bibliotecas escolares. James Patterson investirá a sua parte nas vendas dos livros JIMMY Patterson em iniciativas a favor da leitura.

Chris Grabenstein é um autor multipremiado pelos seus thrillers e livros de mistérios. Colaborou com James Patterson nas séries *Eu Cómico*, *Treasure Hunters* e no livro *Daniel X: Armageddon*.

Laura Parker é cartoonista e a ilustradora da série *Eu Cómico* e de quatro dos livros da série *Escola*, ambas de James Patterson. Vive em Chicago com o seu animal de estimação, uma pomba.

Primeira Parte

O Fim?

Capítulo 1

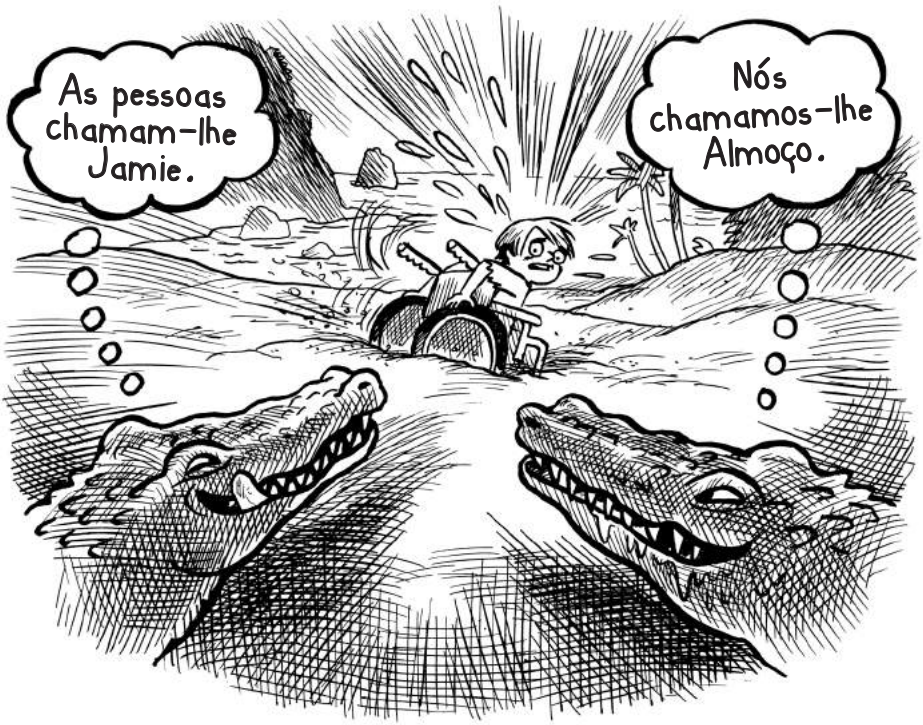
TV SIM OU TV NÃO?

Olá, eu sou o Jamie Grimm, e espero mesmo que vejas o meu novíssimo programa de televisão, se é que alguma vez vou fazer um.

Sabes, é que quando ganhei o Concurso do Miúdo Mais Cómico da Planeta, em Hollywood, um dos prémios era a oportunidade de ter o meu próprio programa de televisão na estação BNC.

Mas, convenhamos, há coisas que não consigo fazer em TV. Por exemplo, uma série policial está fora de questão, porque eu não seria grande coisa a perseguir bandidos.

Também não seria grande coisa num programa de sobrevivência. Especialmente, se estivesse numa ilha deserta com muita areia.



Sim, gostei de conhecer Hollywood, mas a minha verdadeira casa é Long Beach, em Long Island. Por isso, resumindo, estou de volta ao sítio mais cómico do mundo: a escola.

Felizmente, tenho alguns amigos espetaculares. Por exemplo, o Jimmy Pierce e Joey Gaynor. Ambos vão comigo para a escola, de manhã.

Eles vão a andar. Eu vou a *rolar*.

Mas o que é superfixe é que o Gaynor e o Pierce nunca me tratam como se eu fosse diferente ou deficiente (odeio esta palavra — faz-me pensar em hospitais). Como disse o Gaynor uma vez, «A diferença é que vais ser sempre mais baixo do que nós, meu».

Sempre que chegamos a uma subida, eles não desatam a empurrar-me como se eu fosse um bebé crescido dentro de um carrinho. Mas podem, discretamente, pôr a mão numa das pegas e dar um empurrãozinho leve, sem falarmos sobre isso.

É verdade, o Jimmy Pierce é um autêntico génio. É tão inteligente que, uma vez, até me ensinou que os elefantes são os únicos mamíferos que não conseguem saltar. «Os elefantes e *eu*», lembrei-lhe.

O Joey Gaynor? Às vezes, parece que não joga com o baralho todo. Vive nos limites. Tem tatuagens, argolas no nariz e aquelas pequenas tachas de metal que parecem borbulhas de aço. Há pouco tempo, meteu um pequeno espeto metálico a atravessar a orelha. O lóbulo dele agora parece um camarão no espeto.

Todas as manhãs, no caminho para a Escola de Long Beach, passamos por uma escola primária.

Quando os pequenotes nos veem aproximar, amontoam-se junto à vedação do recreio e desatam a gritar piadas para mim. A maioria delas é pirosa, mas os miúdos até são engraçados.

Além disso, foram eles que votaram em mim na final do Miúdo Mais Cómico do Planeta.

Por isso, paramos sempre para os ouvir. Mesmo quando isso se revela um grande erro.

Capítulo 2

RIR ATÉ CAIR

Já estamos a ficar atrasados, mas os miúdos continuam a atirar-nos com piadas.

— Só mais uma —digo eu.

— Ei, Jamie — diz uma miúda ruiva com sardas. — Porque é que os golfistas usam dois pares de calças?

— Não sei, porquê?

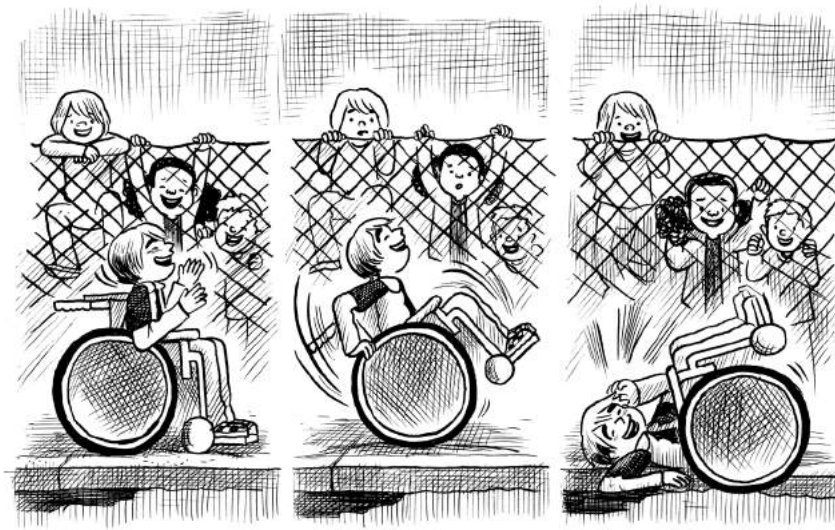
— Para o caso de fazerem um buraco.

Pois, são miúdos da terceira e da quarta classe a dizerem as mesmas piadas que os miúdos da 3.ª e da 4.ª classe sempre disseram. Às vezes, finjo que são tão hilariantes que tenho de dar uma grande gargalhada e inclinar a cadeira para trás.

Hoje, cometi um erro. Inclinei a cadeira demasiado perto da beira do passeio.

Ei, Jamie, sabes aquela piada sobre o telhado? Esquece, é muito elevada para ti.
Jamie, porque é que um autocarro não pode ter 100 centímetros?
Não sei, porquê?
Porque se tivesse, era um metro!

Mas o Gaynor e o Pierce seguraram-me e, sem dar nas vistas, voltaram a sentar-me na cadeira. Esta é outras das razões porque adoro ir para a escola com os meus copilotos.



Calhou a nossa amiga Gilda Gold estar a passar por ali com a sua câmara de filmar quando eu deslizei para a sarjeta. A Gilda está sempre a fazer filmes cómicos. Às vezes apareço neles — mesmo quando não dou conta de que a câmara está a filmar.

— Foi uma cambalhota hilariante, Jamie — disse-me ela, quando eu voltei ao passeio. — Se alguma

vez ficares demasiado empertigado por seres uma estrela, ponho esta queda online. Ou talvez a envie para o *TMZ*.

— Obrigado — respondi com um sorriso.

Claro que não estou preocupado com a possibilidade de a Gilda vir a pôr o vídeo online.

Ninguém o veria. Já não sou nenhuma celebridade. Sou apenas um miúdo que, em tempos, ganhou um concurso de piadas na televisão.

Um miúdo que devia lembrar-se de não inclinar a cadeira junto à beira do passeio. Especialmente, ao pé de uma sarjeta.

Fiquei com o rabo molhado durante o resto do dia.

Capítulo 3

COLETE À PROVA DE BULLYING

A Gilda, o Gaynor, o Pierce e eu vamos na risota enquanto atravessamos o corredor em direção aos nossos cacifos.

Todas as faixas a dizer BEM-VINDO A CASA e JAMIE=CÓMICO já foram retiradas. Ainda há um cartão de parabéns preso à porta do meu cacifo, mas a fita-cola que o prende já mal o aguenta.

Acho que se pode chamar a esta fase da minha vida *Eu, apenas Jamie*.

Quer dizer, o que é que devemos fazer depois de o nosso maior sonho se ter realizado? Será que atingi o meu auge quando ganhei o concurso de humor? E se a BNC nunca quiser fazer um programa em que a estrela é um miúdo cómico numa cadeira de rodas? Vai ser sempre a descer, a partir de agora?

Se for, pelo menos poderei deslizar.

Sobretudo se o meu primo, o Stevie Kosgrov, o pior *bully* da escola, me der um empurrão. O que, por acaso, ele acaba de fazer.

Ufa.

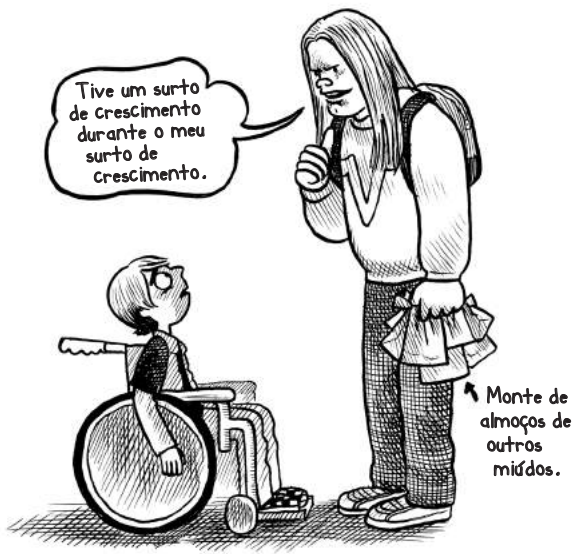
Mas agora já não tenho medo do Stevie, porque descobri uma arma secreta poderosíssima para o derrotar: a comédia. Alguns comentários bem dirigidos são, na minha opinião, uma das melhores formas de rebentar a bolha de um *bully*.

Por isso, quando ele ameaça pendurar-me pelas cuecas, eu respondo:

— Tu és muito bom a pendurar gente pelas cuecas, Stevie. Não me digas que praticas isso em casa,

pendurando-te a ti próprio? É por isso que tens sempre um andar tão esquisito?

Enquanto estou a dar ao Stevie um pouco do seu próprio remédio, um aluno novo surge a vaguear pelo corredor. É um tipo gigante e com mais cabelo louro do que toda a claque desportiva feminina. Ele dá um chega-para-lá no Stevie e olha-me de cima a baixo.



— És o Jamie Grimm, certo?

Eu sorri:

— O que é que reconheceste primeiro? A minha cara ou a cadeira de rodas?

— A tua grande boca.

Pronto. Lá se vai a ideia de agradar ao grandalhão que acordou do lado errado do feijoeiro esta manhã.

— Sou o Lars Johannsen — diz ele. — A minha família acabou de se mudar do Minnesota.

Acho que o Johannsen (que, por sinal, é do tamanho do Minnesota) é nórdico. Nem me surpreendia se fosse meio *viking*. Aquele meio que pilha e saqueia.

— Eu estava a torcer pela Patty Chatty — disse ele. — Votei nela 15 vezes. Marquei os oito algarismos do número dela com tanta força que parti o telemóvel.

Um rápido *flashback*: a Patricia Dombrowski, que se chama a si própria Patty Chatty, era uma das comediantes que eu derrotei em Hollywood, quando

a América votou em nós por telefone e SMS, tal como acontece no *América Tem Talento*, e naquele outro programa, o *América Tem Telefones*.

A Patricia Dombrowski vive em Lago do Alce, no Minnesota. Tenho um estranho pressentimento de que este tipo, o Lars (que deve querer dizer «largo» em sueco), deve ser o alce a que se refere o nome do lugar.

O Johannsen baixa até ficarmos nariz com nariz e eu sentir o cheiro do atum enlatado que ele comeu ao pequeno-almoço.

— A Patty devia ter-te batido aos pontos.

Eu engoli em seco.

— Mas não faz mal. Eu bato-te por ela.

— Eh lá! — disse o Stevie Kosgrov. — Espera aí, novato. O Jamie Grimm é meu.

— E tu quem és? — perguntou-lhe o Johannsen.

— Chamo-me Kosgrov. O maior *bully* desta escola há três anos seguidos. Se queres pôr a mão no deficiente, vai para a fila. Atrás de mim.

— Ótimo. Se estiver atrás de ti, será mais fácil dar-te um pontapé no rabo.

Dois segundos depois, o Stevie está espalhado no chão.

E, depois, é a minha vez. Um empurrão e fico deitado de costas, a olhar para as lâmpadas fluorescentes do teto. Mais uma vez.

Pois. É como nos velhos tempos. Só que agora tenho de preocupar-me com mais um *bully*.

E adivinha lá. Também o Stevie Kosgrov!

Capítulo 1

NO RESTAURANTE

Depois de o Lars Johannsen ter destruído o meu Sistema de Defesa Anti-Bullying à base de piadas, que eu julgava indestrutível, sei exatamente aonde tenho de ir depois das aulas: ao restaurante do meu tio, o Boa Comida à Beira-Mar do Frankie.

Tenho de confirmar que ainda *A* tenho.

A refere-se à minha capacidade de fazer rir as pessoas, não à minha recente nódoa negra no rabo.

Como podes ver, o restaurante do tio Frankie foi totalmente reconstruído, reequipado e redecorado. Isto porque o Boa Comida à Beira-Mar se transformou em Boa Comida *Debaixo* do Mar quando o Furacão Sam passou por aqui, há uns meses. O tio Frankie é, sem dúvida, o meu familiar preferido.

Se calhar «leite de soja» só quer dizer «leite normal» em japonês!

Foi por isso que lhe dei uma boa parte do dinheiro do meu prémio. Pois, o meu milhão de dólares já praticamente não existe. O Estado ficou logo com uma boa parte em impostos. Depois, ajudei os meus outros tios a comprar uma casa nova e também pus uma parte de lado para a universidade ou para um qualquer milagre médico. O resto foi para reconstruir o restaurante.

E o tio Frankie merece cada cêntimo. Afinal, ele foi a primeira pessoa a achar que eu tinha um talento especial para a comédia.

Ele percebeu que, enquanto eu trabalhava na registadora, me divertia a fazer rir os clientes com as minhas piadas curtas. Decorei-as de uns livros de anedotas, quando estive internado no hospital e os médicos acreditavam verdadeiramente que rir era o melhor remédio. E também sabe melhor do que a maioria dos xaropes para a tosse.

Também foi o tio Frankie que primeiro me chamou a atenção para o Concurso do Miúdo Mais Cómico do Planeta e que, depois, ficou ao meu lado durante toda essa caminhada, mesmo nas partes mais difíceis. E nas mais assustadoras.

Mais do que ninguém, o tio Frankie ajudou-me a refazer a minha vida. E eu quis retribuir-lhe o favor.

O restaurante tem agora um ótimo aspeto. Tem uma parede inteira coberta de ioiôs clássicos. Há muito tempo, quando o tio Frankie era pouco mais velho do que eu, foi campeão de ioiô de todo o Brooklyn, uma zona onde o primeiro nome de toda a gente é Iô. Tipo: «Iô, Ashley! Iô, Tommy! Iô, Adrienne!»

O tio Frankie também comprou uma *jukebox* digital, de última geração. Só toca música dos anos dourados dos *blues* da década de 1940, porque esse é o único género de que o tio Frankie gosta.

Quando entro no restaurante, o tio Frankie brinda-me com um grande sorriso.

— Iô, Jamie! Como foi a escola?

— Boa — respondi, porque embora o tio Frankie seja impecável, não deixa de ser um adulto. E, às vezes, não queremos que nenhum adulto, nem sequer o nosso preferido, saiba que fomos vítimas de *bullying*. Outra vez. — Precisas de ajuda na registadora?

— E o Papa usa um chapéu de bico?

Atendi o meu primeiro cliente e, como ele tinha comido massa, tentei uma piada do George Carlin.

— Se comer a pasta e a antipasta, será que fica com fome outra vez?

Olhar vazio, do lado dele. Muita transpiração, do meu.

Tento outra piada curta com o mesmo cliente:

— Quando tiram uma fotografia à banana, o que é que ela diz?

Recebo zero.

Finalmente, desisto.

E é *então* que ele me reconhece.

— Ah, pois — diz ele. — Tu eras o Jamie Grimm. O miúdo da televisão. Eras engraçado.

Pois. Eu *era* eu.

Capítulo 5

COMÉDIA ULTRAPASSADA?

Uma vez, alguém disse:

— Se caíres de um cavalo, tens de voltar a montá-lo.

Enfim, é isso que eu preciso de fazer. Só que sem o cavalo.

Preciso de regressar ao palco para pôr de novo as pessoas a rir.

Tenho a sensação de que os meus músculos de comédia amoleceram um pouco desde a final do Concurso do Miúdo Mais Cómico do Planeta. Há semanas que não estou perante um público.

Foi então que senti uma ideia a bater-me (como senti o Lars Johannsen).

Eu devia ter o *meu* próprio concurso de comédia, para miúdos da escola primária, como aqueles que me gritam piadas todos os dias de manhã.

Podia chamar-lhe a Competição do Jamie Grimm para os Pequenotes Mais Cómicos de Todo o Universo.

A competição estaria aberta a crianças do jardim de infância até ao 5.º ano. Desta forma, não teria de promover o mesmo bando de cómicos que estiveram no meu escalão. Podíamos apresentar o espetáculo no restaurante. O tio Frankie podia arranjar um espaço livre na sala principal, conseguir um microfone e, talvez, alugar um projetor.

Eu seria o mestre de cerimónias, entrando a rolar entre cada número, para entreter o público.

Assim, teria alguma coisa em que trabalhar. Precisaria de material novo e original, porque já toda a gente viu a maior parte do meu material antigo na televisão. O tio Frankie podia oferecer ao vencedor uma reserva de batatas fritas para toda a vida. E o jornal local podia pôr a fotografia na capa. Do vencedor, não das batatas fritas.

Fui para casa, a Vila Sorrisinhos, para partilhar esta ideia com os meus tios Sorrisinhos. Chamo Vila Sorrisinhos à casa dos Kosgrovs porque eles (e até o cão) nunca têm ar de quem se diverte um bocadinho.

Mais depressa consigo fazer rir os gnomos do jardim. Mas, no fim de contas, os Sorrisinhos têm sido extremamente bons para mim. Receberam-me quando eu saí do hospital e fizeram tudo o que podiam para a casa ser mais acessível à cadeira de rodas.

Tornaram-se na minha nova família, logo depois de eu ter perdido a antiga.

É verdade que também tornaram o Stevie no meu companheiro de casa mas, vá lá, ninguém é perfeito.

A Vila Sorrisinhos agora é mais perto do mar porque ofereci parte do dinheiro do meu prémio para os ajudar a pagar a entrada para uma casa maior e mais bonita, depois de a deles ter sido destruída pelo Furacão Sam.

Mas os Sorrisinhos, claro, serão sempre os Sorrisinhos. Só ficaram com mais espaço para amuar.

E eu continuo a viver na garagem. Só que, agora, é uma garagem de dois carros. Adoro ver o portão do meu quarto a subir quando dou um toque no comando.

E também adoro o meu novo companheiro de quarto.

É o *Ford Mustang* clássico de 1967, descapotável, do tio Frankie, que está estacionado ao lado da minha cama.

Está aqui porque vai ser meu, mal eu faça 16 anos e tire a carta de condução. Vamos modificá-lo com comandos manuais para o travão e acelerador — e então, poderei lançar-me na estrada.

Poderei ir aonde me apetecer.

Gosto de olhar para o *Mustang* vermelho-cereja do tio Frankie, antes de adormecer.

Às vezes, até sonho com as minhas novas rodas.

E com toda a liberdade que elas vão trazer-me.

BIP!
Sou a cadeira de rodas motorizada mais fixe do mundo!

Capítulo 6

À MESA COM OS CARRANCUDOS

À noite, ao jantar, os Sorrisinhos reagem à minha ideia de um novo concurso de comédia da mesma forma que reagem a tudo.

Sim. Franzem o semblante.

— Já ganhaste um concurso — diz a tia Sorrisinhos. — Para que precisas de outro troféu?

— Eu não vou concorrer — tento explicar. — Seria apenas o apresentador. Isto é para os miúdos da primária que queiram vir a ser comediantes.

— Porquê? — pergunta o tio Sorrisinhos.

— Hã?

— Porque quereriam os miúdos ser comediantes? Tu já ganhaste o dinheiro todo do concurso. E também vais dar-lhes a oportunidade de terem os seus próprios programas de televisão?

Vivo num museu da cera.

Decidi deixar morrer o assunto.

A refeição já está demasiado tensa, de qualquer forma. A mão do Stevie treme de tal maneira que as ervilhas lhe saltam da colher como feijões saltitões.

— Estás bem, Stephen? — pergunta-lhe a tia Sorrisinhos.

— Sim — geme ele.

— Como correu a escola?

— Bem — a voz soa tão esganiçada que até o cão dá um ganido.

— Bem, filho — diz-lhe o pai. — Sabes o que dizem do 8.º ano: a terceira vez é a melhor.

É então que, estando toda a gente concentrada em mastigar o rolo de carne da tia Sorrisinhos (é como roer uma bota velha com biqueira de aço), o Stevie olha para mim.

— A culpa é toda tua — diz ele, mexendo os lábios em silêncio.

— Desculpa — respondo eu da mesma maneira. — Mas agora já sabes o que é ser agredido.

— Mãe! — diz a Mary, irmã mais nova do Stevie. — O Stevie e o Jamie estão a falar com a boca cheia mas não se ouve nada.

— Estou a treinar o meu número de ventríloquo — digo a brincar. E a piada sai-me antes que eu consiga evitá-la:

— E o Stevie vai ser o meu fantoche.

Levanto os ombros até às orelhas, à espera do murro que sei que o Stevie vai dar-me, como paga da minha brincadeira.

Mas ele não se mexe. Só a mão que tem a colher é que treme anda mais. As ervilhas saltitonas dançam-lhe no prato como pipocas na frigideira. O *Velho Risadas* aspira rapidamente aquelas que caem no chão. Pelo menos, *alguém* está contente.

— Stevie — diz-lhe a mãe. — Porque estás a tremer tanto? Comeste outra vez gomas ao almoço?

— Está tudo bem. Por favor, dão licença que saia da mesa?

Uau. O Stevie nunca, *jamais*, pediu para sair da mesa mais cedo. Normalmente, fica ali sentado até toda a gente sair e depois lambe os pratos todos.

Ao pensar no Lars Johannsen a meter medo ao Stevie, lembrei-me de uma piada foleira:

O que chamamos a um miúdo, quando está a ser assustado pelo pior *bully* da escola?

Uma ambulância.

EU SOU O JAMIE GRIMM, E...

VOU APARECER NA TV!!!

Sim, leste bem! Vou ter o meu próprio programa de TV, inspirado nos episódios engraçados da minha vida.

Brutal, certo? Só há um pequeno problema...
É que a minha vida não é propriamente de partir o coco a rir, e a malta de Hollywood está à espera de um programa mega cómico! Para piorar, a ideia deles de piadas só me dá vontade de chorar!

O que achas? Ponho-me a milhas? Ou mostro a esta malta

QUEM ESCREVEU O MANUAL DAS PIADAS?

Carrega no Play e vais ler automaticamente as melhores piadas de sempre! Desde que vires as páginas à mão...

Conversa com o Jamie em
omeujamespatterson

Não percas as minhas aventuras anteriores!

booksmile
livros que saltam à vista
20|20 editora

ISBN 978-989-8831-67-5
11+
9 789898 831675
Literatura Juvenil